

*Inscreve o nome de **Zuleika Angel Jones** no Livro dos Heróis da Pátria.*

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica inscrito o nome de **Zuleika Angel Jones** no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, Distrito Federal.

Art. 2º O art. 1º da Lei no 11.597, de 29 de novembro de 2007, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º O Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros e brasileiras ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.” (NR)

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

## JUSTIFICAÇÃO

O art. 1º da Lei n.º 11.597, de 29 de novembro de 2007, determina que: “O Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.

O Panteão é depositário de um livro de aço no qual se registram os nomes dos brasileiros que tiveram destaque na história do país, de modo que a sua memória seja preservada para as futuras gerações.

Em dezembro de 2015, com a sanção da Lei 13.229, Leonel de Moura Brizola foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria que ainda conta com nomes como Getúlio Vargas, Tiradentes, Santos Dumont, Almirante Tamandaré e Zumbi dos Palmares. São nomes, sem dúvida, merecedores de tão alta distinção. A

mesma Lei reduziu o tempo necessário para que uma personalidade seja homenageada no *Livro dos Heróis da Pátria* após sua morte, de 50 para 10 anos.

Apesar da participação das mulheres em todas as lutas libertárias em nosso país, apenas Ana Néri e Anita Garibaldi tiveram seus nomes reconhecidos como heroínas da Pátria. O presente Projeto de Lei pretende homenagear mais uma brava mulher, Zuleika Angel Jones ao propor a inscrição de seu nome no Livro dos Heróis da Pátria.

A estilista mineira Zuzu Angel fez da moda, à época território de estilistas homens, sua bandeira na defesa da identidade brasileira e sua riqueza. Entre a beleza das rendas do Ceará e vívidas estampas, elevou o valor de nossas raízes e de nosso patrimônio cultural. Suas roupas são um constante passeio pelo tropicalismo brasileiro e pela história de luta de figuras como Maria Bonita e Lampião.

A moda se transformaria em protesto a partir do sequestro político de seu filho Stuart Angel Jones, estudante de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integrante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro - MR-8, Stuart desapareceu depois de ter sido preso em 14 de junho de 1971 por agentes do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica. Zuzu inicia, então, sua busca incansável pelo filho nas prisões e nos quartéis.

Com a morte de Stuart, Zuzu Angel recebe uma carta do preso político Alex Polari de Alverga a qual narra as torturas a que foi submetido seu filho. Passa, então, a denunciar as torturas, a morte e ocultação do cadáver de Stuart. Seus desfiles foram palco dessas denúncias para a imprensa, nacional e estrangeira.

Suas coleções passaram a adotar, ao lado dos anjos, as figuras de crucifixos, tanques de guerra, pássaros engaiolados, sol atrás das grades, jipes e quépis. Foi o que ela própria chamou de "*a primeira coleção de moda política da história*".

Lamentavelmente, o regime de exceção não aceitou tal reação e agiu com a habitual brutalidade. Em 14 de abril de 1976, às 3h, Zuzu Angel foi vítima de

um atentado ao dirigir pela Estrada da Gávea, à saída do Túnel Dois Irmãos. A versão oficial do Governo dizia que a estilista teria dormido ao volante, mas tal explicação não sobreviveu a inquéritos e investigações posteriores. Duas comissões – Comissão de Desaparecidos Políticos e Comissão da Verdade – se debruçaram sobre o caso. A primeira constatou, por meio de perícias e testemunhas – o assassinato. A segunda, ao tomar o depoimento de um agente do Dops, ouviu dele o nome do agente que organizou a emboscada e a informação de que o ordem viera diretamente do gabinete do General Ernesto Geisel.

Não bastassem as provas contundentes do crime praticado, em carta deixada com Chico Buarque, dias antes do acidente, Zuzu faz um pedido: "Se eu aparecer morta, por acidente ou outro meio, terá sido obra dos assassinos do meu amado filho".

Zuzu Angel foi sepultada pela família, em 15 de abril de 1976, no Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro. No ano em que lamentamos os 40 anos de sua morte, a homenagem ora proposta se justifica. Uma mulher que não se intimidou frente as arbitrariedades do regime militar. Uma mãe que usou seu talento e seu amor pelo Brasil e pelo filho como justo protesto contra a censura, as torturas, os desaparecidos e as execuções.

Pelo exposto, espero contar com o apoio dos nobres pares para a aprovação da presente proposição.

Sala das sessões em, 17 de fevereiro de 2016.

Deputada Jandira Feghali

PCdoB/RJ